

## 4 AVALIANDO O ALFABETIZAR(SE): SOBRE O SENTIDO DE LER O TEXTO E O CONTEXTO

*Maria Mercedes Capelo Alvite*<sup>9</sup>

*Maria Teresa Albuquerque Guimarães*<sup>10</sup>

*Tenho palavras em mim buscando canal,  
(...) comprimidas há tanto tempo,  
perderam o sentido, apenas querem explodir*

Carlos Drummond de Andrade.

O programa Alfabetizar(se) foi estruturado a partir de um convênio da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, da Pró-Reitoria de Extensão da UFC e Unitrabalho e do MEC/SESu. Teve por objetivos básicos alfabetizar jovens e adultos da região metropolitana de Fortaleza e formar professores alfabetizadores.

Partindo de uma seleção realizada entre estudantes dos cursos de Pedagogia, Educação Física, História, Ciências Sociais, Letras e Psicologia e de recém-egressos desses cursos, em atuação na rede pública de ensino, foram escolhidos, dentre cento e sessenta e oito alunos inscritos, trinta alfabetizadores, dos quais vinte e cinco atuariam em sala de aula e cinco trabalhariam dando suporte e apoio aos demais.

Para a escolha dos bolsistas-alfabetizadores realizou-se uma seleção cuidadosa e criteriosa, como mais um indicador da qualidade que se tentava imprimir ao programa. Os instrumentos de avaliação utilizados foram: uma análise do histórico escolar e do currículo dos candidatos, uma prova escrita e uma entrevista efetuada por membros da coordenação.

---

<sup>9</sup> Mestre em Psicologia da Educação – PUC (SP) e Professora Adjunta da FACED (UFC).

<sup>10</sup> Mestre em Economia – CAEN (UFC) e Professora Adjunta da FACED (UFC).

A proposta do programa consistia em realizar um trabalho de alfabetização baseado no ideário filosófico e pedagógico de Paulo Freire, levando também em conta as descobertas da psicogênese da língua escrita, na forma em que a desenvolvem Emília Ferreiro e Ana Teberosky por se acreditar na possibilidade e na funcionalidade dessa articulação. Como afirma Feitosa:

Para os estudiosos da alfabetização, duas tarefas fundamentais se colocam:

1) Resgatar a atualidade do chamado "Método Paulo Freire" de alfabetização (que não se compreende desvinculado de sua teoria educacional como um todo), incluindo o conceito de "tema gerador" e, mais recentemente, o de "contexto gerador", problematizando a realidade no cotidiano da sala de aula (...)

2) Repensar a proposta político-pedagógica para a alfabetização de adultos de modo que realize a síntese dialética entre Paulo Freire e os estudiosos da lingüística e da psicogênese da linguagem (...) (2005).

Tinha-se consciência de que o trabalho exigiria muitos estudos e reflexões dos envolvidos. Tinha-se como certo ainda, que o processo de alfabetização experienciado por todos havia sido nos moldes tradicionais, o que dificultava a condução do trabalho e demandava muita abertura ao novo.

Estruturou-se então o curso de formação dos alfabetizadores levando em conta essa provável inexperiência com uma abordagem como a pretendida e o fato dos alfabetizadores serem provenientes de diferentes cursos, tendo, conseqüentemente, uma formação diferenciada.

No presente capítulo pretende-se avaliar essa experiência, tentando percorrer todo o processo: da formação docente aos resultados obtidos junto aos alfabetizandos. No decorrer do mesmo serão citadas algumas falas dos alfabetizadores, consideradas reveladoras da experiência, que foram retiradas de seu relatório final.

A formação dos bolsistas alfabetizadores foi dividida em dois momentos: o curso intensivo com duração de 45 horas/aula e o que se convencionou chamar de formação continuada com a duração de 105 horas/aula.

O curso intensivo foi rico de informações e vivências metodológicas onde os alfabetizadores tiveram oportunidade de se pronunciar sobre o conteúdo trabalhado, sobre as leituras indicadas e, continuamente, avaliar todo o desenrolar do curso à proporção que as aulas iam acontecendo. Havia espaço na sala para cada alfabetizador se posicionar, trocar experiências de vida e trabalho.

Outra coisa a ser mencionada foi a empatia que foi se estabelecendo entre os participantes, cujo companheirismo crescente gerou uma maior confiança e alegria na realização dos estudos e trabalhos.

Que bom que nosso grupo de alfabetizadores é formado por pessoas amigas, criativas, comprometidas, bem humoradas e com um objetivo comum: fazer sua parte! Que bom que a equipe de professores é aberta a diálogos, sugestões e sente prazer pelo que faz.

Que pena que essa primeira aproximação – entre grupo e professores – tenha chegado ao fim. Foram belíssimos momentos de autoconhecimento que nos fizeram refletir sobre quem somos, o que queremos com esse projeto e como pretendemos realizar nosso trabalho de alfabetização. Se, de repente, esperava-se mais do que se recebeu, hoje, tem-se a certeza de que foi o bastante.<sup>11</sup>

Críticas e sugestões dos alfabetizadores eram acolhidas e, na medida do possível, atendidas de forma que a condução do curso era posta em xeque e repensada sempre que se fazia necessário. Os estudos realizados visavam ampliar conhecimentos sobre o referencial teórico adotado e instrumentalizar os alfabetizadores para uma melhor

---

<sup>11</sup> Comentários de alfabetizador(a) sobre o curso de formação inicial.

atuação na sua prática docente. O conteúdo trabalhado e a metodologia utilizada foram abordados de forma mais detalhada no capítulo que trata especificamente da formação dos alfabetizadores, bastando que se diga aqui que se objetivava fundamentar a experiência e favorecer uma articulação entre as idéias de Paulo Freire e as de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre o processo de aquisição da língua escrita.

Concluída a carga horária desse curso inicial, a maioria dos alfabetizadores foi lotada em turmas previamente definidas. Os que ainda não tinham alunos uniram-se à coordenação, no sentido de articular turmas e definir parcerias. Todo esse trabalho foi permeado de dificuldades. É justo que se diga que todos os envolvidos uniram forças na tentativa de viabilizar a experiência.

*Já foi lançada uma estrela  
Pra quem souber enxergar  
Pra quem quiser alcançar  
E andar abraçado nela (Chico Buarque de Holanda)*

Os alfabetizadores passaram a atuar em sala de aula durante três horas diárias em três dias da semana. No quarto dia de cada semana, realizava-se um encontro na universidade, ocasião em que se dava continuidade aos estudos já realizados. Foi a já mencionada educação continuada em que se pretendia dar seqüência aos estudos realizados e trocar experiências, tirar dúvidas, dividir dificuldades e comentar as observações registradas pela coordenação nas salas de aula visitadas. Uma vez por semana, alfabetizadores tinham oportunidade de relatar suas vivências com os alunos e ouvir dos colegas e/ou da coordenação críticas e sugestões que visavam ajudá-los na condução de suas salas. Discutia-se então sobre o papel do professor alfabetizador, sobre os possíveis temas a serem trabalhados, sobre as lacunas ou fragilidades da formação acadêmica de cada um, enfim, era realmente uma parada,

um tempo para refletir e reaprender. O depoimento abaixo é elucidativo e reflete a filosofia do programa e os princípios que nortearam toda a formação dos alfabetizadores.

(...) o papel do professor alfabetizador supera as barreiras convencionais da relação educador-educando. Há de ser uma relação de amizade, de busca comum de superação dos desafios, de aprendizagens mútuas, de encorajamento, de conquista diária, porque não basta formar um grupo, é preciso mantê-lo interessado e isto tem um custo: compromisso e seriedade. (Socorro Silva, alfabetizadora)

Através das visitas às salas de aula, a coordenação observou um grupo de alfabetizadores comprometidos, trabalhando de forma articulada, com um excelente relacionamento com os alfabetizandos, fundado em um clima de respeito mútuo e de busca de uma maior compreensão de sua realidade de vida.

A cada encontro semanal do grupo, a partir da troca de experiências e das observações feitas pela equipe de coordenação sobre as salas de aula visitadas, algumas programações eram reajustadas e muitas coisas eram redimensionadas. O cotidiano vivenciado, de certo modo, era o condutor do processo, o que não significa dizer que não se tinha um norte a ser perseguido.

*mais dia menos dia  
tudo se resolverá*

*a casa será construída  
sobre a rocha*

*e reconquistaremos  
um futuro simples*

*(Horácio Dídimo)*

Certamente, em uma experiência desse porte surgem problemas e dificuldades que devem ser, pouco a pouco, superados pelo grupo como um todo. No Alfabetizar(se) isso foi feito no decorrer de toda a experiência, a partir de

discussões contínuas entre os alfabetizadores e a coordenação. Alfabetizadores falavam de sua semana, registravam impressões sobre suas turmas e eram feitas análises coletivas do exposto.

O envolvimento em uma experiência desta natureza implica, necessariamente, alguns sacrifícios e uma boa dose de obstinação. Isso foi o que se observou nas diferentes salas visitadas: alfabetizando cansados pela excessiva jornada diária de trabalho, mas com uma evidente vontade de aprender a ler e a escrever, aliada a uma manifesta alegria. No relato abaixo o medo de um alfabetizando de que o curso fosse interrompido é um indicador da significação do trabalho.

Um dia antes do início da aula, conversava com uma coordenadora da pastoral e com um aluno que mais observava nosso diálogo. A conversa girava em torno da necessidade de aumentar o número de alunos e sobre quanto, em dinheiro, eu gastava para chegar na comunidade. Destaquei que era um valor pequeno e que a bolsa cobria os custos. Contudo o aluno entendeu que se o número de alunos não aumentasse as aulas iriam encerrar, pois não estava dando nem para pagar o professor. Com esse entendimento ele contou para outro aluno. No dia seguinte, no final da aula, o outro aluno me chamou para conversar no canto da sala. Chateado ele me perguntou se as aulas iriam acabar por falta de alunos e dinheiro. Meio sem entender respondi que não, então ele disse que estava muito chateado com as pessoas que prometeram e não apareceram para estudar, disse que estava realmente aprendendo e que se o problema fosse aluno ele não poderia fazer nada, mas se fosse o dinheiro, ele se juntaria com os outros alunos e daria um jeito de conseguir. Aquela atitude me emocionou muito e me fez cair na realidade sobre a imensa responsabilidade que eu tinha com aquele grupo. Eles depositavam em mim a esperança de aprender algo que talvez o destino lhes furto. Daquele dia em diante passei a enxergar com outros olhos o “programa Alfabetizar(se).” (Éwerton de Sousa, alfabetizador).

O depoimento deste alfabetizador é um exemplo de como o grupo foi, progressivamente, se sensibilizando com a dimensão do trabalho e assumindo, com emoção, a tarefa de alfabetizar.

O confrontar-se com os problemas do cotidiano dos alfabetizados, as dificuldades de ordem prática surgidas no dia-a-dia do trabalho e a análise conjunta do contexto de sala de aula e de vida, representaram um material vivo para a leitura da palavra e do mundo e ensinaram igualmente a alfabetizadores e alfabetizados.

A realidade de vida de cada pessoa que faz parte de uma turma de alfabetização é extremamente cruel. O preconceito em relação ao termo analfabeto, talvez seja o menor, dos sofrimentos vividos por esses alunos. Tive e tenho alunos que passaram pelas mais diversas dificuldades de vida, abandono dos pais, do marido, alcoolismo na família, problemas de saúde gravíssimos (...). E hoje a realidade não é muito diferente, condições de vida difíceis que acabam influenciando na produção em sala de aula.

Os maiores problemas enfrentados por mim junto ao grupo de alfabetizados residiram em problemas externos. As dificuldades de vida enfrentadas pelos alunos acabavam sendo o gerador dos maiores problemas do grupo... Não estou aqui me eximindo das responsabilidades que me cabem, mas lutar contra problemas sociais tão grotescos é extremamente sério (...)

Surge um importante questionamento em relação aos fatos citados: será que a não escolarização do nosso povo e a dificuldade de se trabalhar com a educação no Brasil é decorrente de um desinteresse apenas individual? Várias são as alegrias de participar de uma experiência como essa, mas junto com todas essas satisfações surgem inúmeras dificuldades que tornam o trabalho muitas vezes angustiante (Kleber Rodrigues, alfabetizador).

Desnecessário reafirmar, o quanto os alfabetizadores envolveram-se com seus alunos e sua problemática de vida. A cada dia novas questões surgiam nos encontros semanais e iam dando ao grupo, como um todo, uma maior clareza da realidade existencial dos excluídos.

O já exposto parece deixar clara a dinâmica do Alfabeterizar(se). As visitas semanais da coordenação às salas de aula, os estudos conjuntos dos alfabetizadores, a troca de materiais e idéias, tudo isso inaugurava um trabalho com uma condução pedagógica que se fazia de forma nova e harmônica. Nem sempre isso era fácil. O saber ouvir deveria ser aprendido também. Nas salas de aula da universidade e nas salas de aula espalhadas em diferentes bairros de Fortaleza e de Caucaia as dificuldades eram socializadas, os acertos multiplicados e as alegrias compartilhadas.

*E há sempre uma canção para cantar*

*(Antônio Carlos Jobim)*

Todos os dias os alfabetizadores desenvolviam atividades diversificadas de leitura e escrita com os alfabetizando que as executavam de diferentes formas, conforme o nível em que se encontrassem. Sendo as classes heterogêneas, embora todos trabalhassem no mesmo ambiente, algumas tarefas eram realizadas individualmente, outras em duplas e em grupos maiores. Além disso, o ritmo de cada aluno era respeitado. Assim, não bastava ajudá-los a compreender a representação escrita da linguagem. Pretendia-se auxiliá-los na leitura do mundo, da vida.

(...) a leitura tem que se remeter ao universo existencial dos estudantes, tem que dizer respeito a temáticas que traduzam sonhos, anseios, demandas, inquietações e vivências das pessoas em questão, visto que a palavra não é senão, uma maneira de expressar uma situação real.

As atividades de leitura que propusemos, no decurso do programa, objetivaram a percepção crítica do entorno histórico, cultural e social e visaram a desencadear a

problematização da realidade dos educandos, por compreendermos a leitura como uma forma de recriar a História e um instrumento para uma ação transformadora sobre o mundo e sobre si mesmos (João Paulo Barros, alfabetizador)

Fica evidente, portanto, que se pretendia realizar uma alfabetização em todos os sentidos: no sentido da compreensão das palavras, do texto e do contexto. No sentido da compreensão da vida humana em sua complexidade visando proporcionar uma educação progressiva da sensibilidade. Com certeza o tempo foi pouco para tamanha pretensão, mas alfabetizados e alfabetizadores tiveram oportunidade de conviver com formas mais respeitadas de ensinar-aprender.

Acredito que esse tempo de experiência para nós que fizemos o curso e estamos com turma foi, é e será muito especial. São experiências únicas que ninguém irá esquecer. Pode ser que o objetivo total não seja alcançado, mas ficará em nós a certeza de que pode ser diferente, mais atraente, mais prazerosa, mais empolgante esta nova maneira de alfabetizar, além de tudo isto uma maneira mais ética e respeitosa do professor com o seu aluno. (Maria Joelma de Sousa, alfabetizadora)

A variedade do material utilizado foi assegurada pela troca de textos na sala, arquivados em pasta (o chamado baú de textos). Contos, crônicas, poemas, cordéis, receitas, cartas, adivinhações, parlendas, artigos de jornal e revista. Tudo fazia parte do material a ser trabalhado. As temáticas muitas vezes eram sugeridas pelos alfabetizados ou mesmo escolhidas pelo alfabetizador, levando em conta a realidade de vida e de trabalho de seus alunos.

Em minha sala de aula tive alunos em vários níveis de escrita. Apesar de algumas dificuldades, eu tive que trabalhar os diferentes níveis. Muitas vezes essas diferenças foram muito ricas e não obstáculos. O objetivo não era que todos aprendessem igualmente, mas que pudessem trabalhar, reflexivamente, e construir o

pensamento coletivamente, dependendo das suas possibilidades. Procurei trabalhar a partir do pensamento de cada uma tentando propor atividades motivadoras, funcionais, trabalhos em grupos e uma avaliação formativa. Os alunos tinham diferentes experiências na vida e diferentes contatos com a linguagem escrita e a minha função principal era igualar as oportunidades quanto ao acesso à cultura escrita. (Maíra de Castro, alfabetizadora)

Embora o objetivo maior do programa fosse trabalhar a aquisição da língua escrita, as demais áreas do conhecimento não eram descuidadas e o alfabetizador aproveitava as oportunidades que surgiam para, com naturalidade, introduzir outras informações que pudessem ser úteis aos alfabetizando no cotidiano de suas vidas.

Durante o curso também contemplamos o estudo da matemática, pois os próprios alunos tinham interesse por esse conhecimento. Realizamos várias atividades em cima do tema os "Números em nossa vida". Os alfabetizando foram colocados em situações que pensassem sobre os números em suas vidas, propiciando condições para a compreensão da leitura e da escrita e para decifrar o signo numérico. Quando tratamos de valores monetários na escrita de uma quantidade maior os alunos tinham maior dificuldade na escrita e leitura desses valores, como também para fazer cálculos mentais. Tendo isto em vista, procurava então mostrar o uso da matemática através de situações concretas e estimulantes (...) (Reginaldo de Castro Júnior, alfabetizador).

O crescimento de cada alfabetizando foi altamente motivador para eles próprios, para os alfabetizadores e para a coordenação, na medida em que esta ouvia e observava as classes e as manifestações de aprendizagem dos alfabetizando, realizadas individual ou coletivamente.

Em uma experiência dessa natureza, em que a alfabetização vai se processando no ritmo do aluno, que vai pouco a pouco enriquecendo as experiências e tornando-

se maduro para a leitura e escrita, o trabalho do alfabetizador demanda paciência, dedicação e muito respeito ao aluno. Isso foi observado nas classes visitadas. O alfabetizador com uma postura respeitosa se colocava à disposição do alfabetizando para tirar dúvidas e ajudá-lo na descoberta do mecanismo da leitura e da escrita.

*As coisas estão no mundo  
Só que preciso aprender  
(Paulinho da Viola)*

Foram identificados alguns problemas na condução dos trabalhos. Sempre em duplas, membros da coordenação faziam registros do observado para, no encontro semanal dividir as impressões, fazer críticas e dar sugestões. Algumas vezes esses momentos foram delicados e exigiram por parte dos observados uma boa dose de humildade e amadurecimento nem sempre presentes. Contudo, o saldo foi predominantemente positivo e proporcionou maior aprendizagem e autoconhecimento.

Nas salas de aula visitadas foram encontrados diferentes grupos de pessoas desejosas de apreender a ler e a escrever, cujas dificuldades de vida geradas pela situação socioeconômica, inviabilizaram esta aprendizagem no tempo certo. É ao mesmo tempo emocionante e desconcertante, observar um grupo de adultos, alguns jovens, outros com idade já avançada, a debruçar-se sobre textos, sobre qualquer material escrito, na tentativa de decifrá-los, de interpretá-los. Nunca é demais repetir o quanto é injusta a situação de alguém não saber ler e escrever, numa sociedade letrada, só tendo possibilidade de fazê-lo em ocasiões em que outras aprendizagens já deveriam estar sendo realizadas. Foi possível presenciar a escrita da primeira carta, do primeiro cartão, a descoberta do mecanismo da formação de palavras, da escrita, a criação do primeiro poema. Isto tudo acompanhado de um alto grau de satisfação por parte dos escribas iniciantes, dos alfabetizadores e da coordenação.

Destacam-se abaixo falas e textos de alguns alfabetizandos, digitados conforme sua grafia original, que constavam do relatório final dos alfabetizadores e que dizem de suas motivações, dificuldades, medos e alegrias com a experiência de alfabetização.

Eu nunca estudei, nunca eu quis. Só sei fazer o meu nome. Eu fico até com vergonha quando não recebo o jornalzinho da missa. É tão ruim não saber ler! Mas agora eu tou com vontade de aprender.

Eu quero aprender mais. É tão bom escrever uma carta para um amigo! A gente sem saber é igual a um cego.

Eu sou uma pessoa muito simples, gosto de perdoar e conversar. Agora eu me interessei e quero aprender mais a ler e escrever.

Eu sou muito burro! Acho que não vou aprender.

Antes eu tinha medo de escrever alguma coisa, porque eu escrevia errado, mas agora estou seguro, confio no que aprendi.

Hoje quero que o meu filho tenha o estudo que não tive. Morava no interior e a escola era longe.

Eu só estou aqui porque quero aprender a ler a palavra de Deus.

Professora, está acontecendo uma coisa muito esquisita comigo. Eu leio o texto todinho, mas no fim não sei o que li, não entendi nada, e aí?

(...) foi muito bom este tempo que passamos juntos pois foi muito gratificante para mim pois desenvolvi minha leitura e até já escrevo algumas palavras. Quero lhe agradecer por tudo.

(...) eu queria que existe-se alfabetizar em todas as escolas para que crianças e adultos podessem ler e escrever para ter um bom emprego e uma casa para morar. (...) O projeto foi uma fonte pra ensinar aqueles que não sabia, que pena, acabou o que era doce mas valeu a pena.

*Pensa na doçura das palavras. Pensa na dureza das palavras  
Pensa no mundo das palavras. Que febre te comunicam.  
Que riqueza (C. Drummond de Andrade)*

Na tentativa de avaliar o Alfabetizar(se) outra vez recorre-se aos alfabetizadores:

Todo o processo para mim tem sido de uma riqueza singular. (...) É extremamente gratificante colaborar com esse projeto que visa não somente fazer com que adultos decodifiquem palavras, mas se tornem conscientes do que dizem essas palavras, sejam pessoas letradas e se tornem cidadãos autônomos. Estou na reta final. Às vezes me angustio e me pergunto: Será que vou conseguir? E vejo a cada dia que eu não tenho nada a conseguir, eles mesmos estão construindo seus saberes através dos conflitos cognitivos vivenciados ao longo desse processo. (Roberta Crispin).

(...) Esses últimos seis meses dentro do Alfabetizar(se) foram muito mais significativos do que a própria faculdade. Hoje compreendo um pouco sobre alfabetização de adultos e, mais do que isso entendo que faço parte da história da alfabetização do Brasil. (Éwerton de Sousa).

*Vencendo o tempo, fértil em mudanças,  
conversei com doçura as mesmas fontes,  
e vi serem comuns nossas lembranças (Cecília Meireles)*

Seguramente, os depoimentos já citados falam por si só da natureza e significação dessa curta experiência. Embora tendo atingido um pequeno número de pessoas no universo dos não alfabetizados do Brasil, representou algo novo, revestido de singulares matizes dados pelos envolvidos no trabalho.

Não se pode deixar de estar atentos à real situação do analfabetismo no país onde 16 milhões de brasileiros com mais de 15 anos são incapazes de ler ou escrever. Evidentemente, que muitos são os entraves para o desenvolvimento numa sociedade que não consegue vencer sequer esse desafio: uma educação básica que garanta à sua população o exercício da cidadania. Como sobreviver dignamente em uma sociedade letrada sem o domínio do código lingüístico? Como usufruir os benefícios da tecnologia

quando não se tem acesso a informações escritas simples do cotidiano? Como fazer a leitura do mundo quando não se consegue ler a palavra?

Seria muito bom poder continuar acompanhando, de alguma forma, esses alfabetizados que se iniciaram no mundo da escrita e da leitura. O curto tempo de duração do programa e as condições precárias de vida dessas pessoas dão inicialmente a idéia do limitado alcance dessa experiência. Pergunta-se: que alterações essa experiência pode ter produzido na vida dessas pessoas? Em que aspectos sua vida pode ter melhorado? O fato de ser alfabetizado elevou sua auto-estima? Isso gerou uma maior segurança? Essas e outras questões podem ser colocadas. Contudo, o gosto despertado pelo aprender, evidenciado em inúmeros depoimentos de alfabetizados sobre suas intenções de continuar estudando, e a alegria estampada nos rostos das pessoas que aprenderam a ler, faz cair por terra qualquer pensamento derrotista, ou qualquer avaliação que não seja predominantemente positiva sobre o programa Alfabetizar(se).

Participar de experiências que visem dar oportunidade, mesmo que tardiamente, a cidadãos e cidadãs de recuperarem sua palavra através da leitura e da escrita é, no mínimo, uma obrigação para os profissionais de educação. E, no caso presente, essa obrigatoriedade foi auto-imposta com uma grande dose de alegria.

*Cidadania é dever  
de povo.*

*(...)*

*É também obrigação:  
a de ajudar a construir  
a claridão na consciência  
de quem merece o poder.*

*Força gloriosa que faz  
um homem ser para outro homem,  
caminho do mesmo chão,  
luz solidária e canção*

*(Thiago de Mello)*